

fazer. Trata-se nem mais nem menos do que a paisagem humana e física duma estrada. De facto, nem todas são iguais, cortando a terra, em perfis que variam, aspectos que se multiplicam, reflectindo o quadrante das estações e, sobretudo, percorridas por figuras próprias a cada uma. Não se veja, neste ultimo ponto, um exagero, ou aberração literária. Há caminhos de pobres e de vagabundos, como há de afortunados e divagadores turisticos.

José Cardoso Pires segue uma dessas primeiras vias, por um dia de Sol, que despeja toneladas de cal viva sobre a terra. Destaca duas sombras humanas, para depois nos fazer assistir ao mais espantoso negócio, aliás, verosímil, no fio da novela—a venda dum cego, por cem escudos. Seco, sóbrio, cortante, o novelista, sem insistências, dá-nos o episódio, como que nu, despojado de acidentes—o facto e o ambiente, o local e a notação caracterológica de três figuras, deixando-nos espaço para construir o que se segue, ou mesmo o que ficou por dizer.

O segundo conto «Carta a Garcia», assaz esquemático, reproduzindo, pitorescamente, a fala das personagens, é também dos que aguçam os nervos. Aqui e ali, sobretudo, no final, algumas notas, que nos lembram os motivos líricos de Garcia de Lorca. O autor não o finalizou, nem era preciso, porque nos deixa, na visão e na sensibilidade, o que decorre para além.

A «Estrada 43» é outro assunto vivo, ainda por fazer, a faina dos homens que alcatroam as estradas. O acidente brutal é dado com relevo, num descritivo tão impressivo, como alucinante.

Há que escrever mais. José Cardoso Pires é um genuíno novelista. Bela vitória, o seu livro, um dos melhores da escola nova. (Centro Bibliográfico; capa de Julio Pomar).

NOVELAS

OS CAMINHEIROS E OUTROS CONTOS

por José Cardoso Pires

O autor surge agora na estrada das letras. Pelo menos, não nos apresenta, na página reservada ás obras preteritas ou futuras, qualquer indicação. Vem em branco. Tudo, pois, indica que «Os Caminheiros e Outros Contos» é o primeiro livro de José Cardoso Pires (não seria melhor um pseudónimo?) que, a esta hora, deve debruçar-se, ansioso, numa inquietação natural de entusiasmo, ou sentindo o espinho acerbo da duvida, sobre o que arbitram, entendem ou ajuizam os críticos. Por nossa parte, saudamo-lo, vivamente. Se tivéssemos aquela pena ágil como asa, refugente como diamante, e também penetrante como bisturi, de Mirbeau que, num só artigo, lançou em França, Maurice Maeterlink, seguiríamos o exemplo do autor do «Jardim dos Suplicios».

Há que contar com José Cardoso Pires. Não nasce, evidentemente, sem sugestões estranhas. Transplantou para o nosso meio a concepção neo-realista de um Erskine Caldwell, e a do corrosivo Saroyan. Mas sob este contacto, prestes a rompê-lo, Cardoso Pires mostra a sua vocação novelística, na forma estridente e recortada, na prospeção de temas solitários e desolados, e até numa «silhueta», em que, por vezes, a sugestão dá lugar, intencionalmente, ao real, numa indecisão de contornos.

O primeiro conto que dá título ao livro é extra-lucido. Como assunto—nada há de novo sob o Sol—parece-nos que estava ainda por